

ÍNDICE

NOS 20 ANOS DO FALECIMENTO DE AFONSO BOTELHO

Um Príncipe das Letras e da Filosofia Portuguesa	11
<i>Abel de Lacerda Botelho</i>	
A Estética da Saudade em Afonso Botelho	14
<i>António Braz Teixeira</i>	
Afonso Botelho: Neo-Integralismo e Filosofia Portuguesa	22
<i>J. Pinharanda Gomes</i>	
Afonso Botelho: Amor, Saudade e Espírito de Conquista na Expansão Portuguesa	34
<i>José Almeida</i>	
Afonso Botelho e a Saudade	40
<i>Manuel Cândido Pimentel</i>	
Testemunho sobre Afonso Botelho	46
<i>Manuel Ferreira Patrício</i>	
Afonso Botelho e a Cordialidade	49
<i>Maria de Lourdes Sirgado Ganho</i>	
Afonso Botelho e a Questão do Teatro	52
<i>Miguel Real</i>	
Afonso Botelho: Leitor de Pascoaes: “Preso por um Fio de Quimera à Nebulosa mais Longínqua”	61
<i>Sofia A. Carvalho</i>	

SOBRE A SAUDADE

Dispersos de Vivências da Saudade	77
<i>Alberto A. Abreu</i>	
Do Sentimento Anti-Saudade e Anti-Saudosimo	89
<i>Artur Manso</i>	
Da Solidão Essencial: Para <i>Diferencial</i> Indicativo da Saudade	100
<i>Carlos H. do C. Silva</i>	
Cinco Princípios para uma Fenomenologia da Saudade	113
<i>Dirk-Michael Hennrich</i>	
Ânsia: Um Conceito Místico para a Filosofia da Saudade	121
<i>Joana Serrado</i>	
Saudades de Portugal ou as Três Faces da Saudade	128
<i>Joaquim Domingues</i>	

A Saudade: Metalepse Anagógica ou Enlevamento Kairológico	135
<i>Joaquim Pinto</i>	
A Saudade à luz da Fenomenologia da Vida de Michel Henry	143
<i>Jorge Teixeira da Cunha</i>	
A Saudade dos Mortos	152
<i>Luís G. Soto</i>	
A Divina Mão da Saudade: Pascoaes nas “Sagas” de Ramón Cabanillas	164
<i>Manuel Castelão Mexuto</i>	
Teixeira de Pascoaes: A Metáfora do Lugar	172
<i>Maria Celeste Natário</i>	
Saudade, Poética e Política nos Autores Galegos Contemporâneos	175
<i>Maria Seoane Dovigo</i>	
Saudades do Futuro e Anti-Saudosismo: Apontamentos sobre a Saudade na <i>Estrela</i> de Franz Rosenzweig	188
<i>Mendo Castro Henriques</i>	
Plácido Castro: unha Achega á Saudade	194
<i>Miguel Ángel Martínez Quintanar</i>	
A Dimensión Lírica da Saudade	203
<i>Miguel Barros Puente</i>	
A Saudade “do que nunca houve” em Fernando Pessoa	211
<i>Paulo Borges</i>	
Direito, Saudade e Utopia	232
<i>Pedro Jacob Morais</i>	
O <i>Marános</i> de Teixeira de Pascoaes: para uma Teoria Nova da Saudade	236
<i>Pedro Martins</i>	
Entre Portugal e a Galiza, “dois noivos que a vida separou”: A Visão de Agostinho da Silva de Portugal, da Galiza e da Ibéria.....	254
<i>Renato Epifânio</i>	
Vertiginismo, Orfismo e Saudosismo: Aproximação sem <i>Ismos</i> a Raul Leal.....	260
<i>Rui Lopo</i>	
A Saudade enquanto Conhecimento por Conaturalidade e Manifestação do Amor	284
<i>Samuel Dimas</i>	

ANEXO

Cartas de Afonso Botelho para António Telmo	297
---	-----

AFONSO BOTELHO E A QUESTÃO DO TEATRO

MIGUEL REAL

I. INTRODUÇÃO

De um ponto de vista estético, Afonso Botelho antecipou em um quarto de século a exposição das suas teses filosóficas presentes em *Da Saudade ao Saudosismo* (1990), em *Teoria do Amor e da Morte* (1996) e em *Saudade. Regresso à Origem* (1997, seu último livro. Com efeito, existe um vínculo de continuidade conceptual entre o conteúdo da peça de teatro *O Hábito de Morrer* (1964), levada à cena pela Companhia de Amélia Rey Colaço/Robles Monteiro no Teatro Nacional D. Maria II, na temporada de 1963/64, com encenação de Varela Silva, os seus escassos artigos presentes na revista “Teatro do Nosso Tempo” (dois números, 1965) e as teses enunciadas e defendidas naqueles três livros de filosofia em torno de três sentimentos-conceitos: a saudade, o amor e a morte.

Segundo Afonso Botelho, a saudade, ainda que existente desde sempre no coração cultural de Portugal¹, realizada poeticamente “em acto” nas cantigas de amor e de amigo e teorizada pela primeira vez no *Leal Conselheiro* de D. Duarte, torna-se movimento e doutrina espiritual auto-consciente da identidade de Portugal através das obras de Teixeira de Pascoais e Leonardo Coimbra, isto é, metamorfoseia-se em “saudosismo”, auto-revertendo-se sobre si própria, sabendo-se como orientadora ético-espiritual do destino nacional e ganhando “autonomia ontológica, radicada em condições étnicas particulares” (Idem, *ibidem*). Assim, a saudade “é simultaneamente o nexó metafísico da consciência humana e dos eventos que desenham o perfil temporal dos portugueses. Por isso a sua sombra se projecta não só na intimidade da alma como no destino do povo” (Idem, *ibidem*, p. 12). Partindo das categorias de “desejo” e “lembrança” delimitadoras do sentimento de saudade, teorizadas por Teixeira de Pascoais, Afonso Botelho conclui:

*Em qualquer momento é possível encontrar no pensamento português, que se consubstancia na literatura e no pensar poético, esta oscilação entre o impulso do desejo e o refluxo da lembrança, e há períodos da cultura lusitana em que qualquer deles domina e se qualifica face à saudade. (Idem, *ibidem*)*

¹ “A saudade participa da essência da história de Portugal”, in Afonso Botelho, *Da Saudade ao Saudosismo*, Lisboa, Icalp., 1990, p. 11.



O primeiro ciclo da saudade na história da cultura portuguesa teria nascido com as cantigas de amigo sob o signo dominante do “desejo”, representando “aquela solidão [soidade] que envolve os amantes provençais”, envolvendo igualmente uma “certa solidão antropológica” do homem face a Deus (Idem, *ibidem*, p. 13). Assim, “desejo” e “solidão”, esta no sentido de “saudade”, constituem-se como dois elementos vitais da cultura portuguesa, apenas redimidos pela “entelêquia do amor lusíada” (Idem, *ibidem*, p. 12) e pela vivência da morte, não como interrupção ou finalização da vida, mas como momento de união/fusão entre tempo e eternidade. Ou seja, apenas o amor, entendido metafisicamente como aspiração universal à união, pode redimir o desejo perpétuo de se ser e a constitutiva solidão humana (a Saudade), justamente como a morte pode unir tempo e eternidade pelo vínculo da saudade. O Amor redime a Saudade pela união entre corpos e espíritos, fazendo-os comungar da unidade, e a Morte redime igualmente a Saudade.

Em 1996, Afonso Botelho publica *Teoria do Amor e da Morte*, onde postula ser o Amor espelho de Deus no homem enquanto desejo de absoluta fusão, como se a íntima união entre os amantes, magnetizados mutuamente na consumação máxima do desejo realizado, multiplicando-se criativamente, reproduzisse infinitamente tanto o acto originário da criação do mundo quanto se propulsionasse como regresso à unidade primitiva paradisíaca, anterior à emergência do movimento material da multiplicação dos seres. Porém, actualmente, vive-se o sentimento oposto, a degradação do amor em nome da abundância do prazer e a degradação do desejo de união e de fusão em nome da individuação dos seres, ambas as degradações expressas no individualismo e no egotismo humanos:

...nem a imanência do amor humano é reconhecida e protegida na vida real, nem o seu movimento de transcendência [desejo de absoluta fusão metafísica na unidade do Todo] encontra representantes visíveis que o compreendam. Não nos admiremos, pois, que o Amor se degrade e se anule tão facilmente entre os homens, nem nos escandalizemos se esta anulação estiver prevista, regulada e promovida na constituição dos povos.

Os amantes, assim forçados a tomar consciência da sua situação social, estão em condições de saber que, para existirem como tal, para louvarem o princípio eterno e infinito do Amor, terão que transformar a intimidade que lhes é própria numa unidade secreta, oposta a tudo o que a possa objectivar.²

Por esta citação, observa-se que, possuindo uma significação de fusão absoluta entre homem e mulher, a teoria do Amor de Afonso Botelho ultrapassa

² Cf. Afonso Botelho, *Teoria do Amor e da Morte*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1996, p. 16.



esta dimensão exclusivamente imanente e existencial, como *imitatio Dei* (que, por si, se constitui como característica fundante e privilegiada), projectando-se bruninamente e ontologicamente como *speculum Dei* enquanto aspiração humana à unidade universal, vencendo, pela assunção da consciência da eternidade no tempo, seja a eternidade temporal instantânea proporcionada pela fusão dos corpos dos dois amantes, eternamente reproduzida em multiplicação de vida, seja a eternidade vencedora da Morte pela ascese gradativa a um conhecimento das origens e fusão alma-espírito humano em Deus. Em última análise, o Amor vence ontologicamente a Morte por via da Saudade.

Porém, superior unidade aspirada, desejo de absoluta, principal, originária e primordial e teleológica unidade, o Amor em Afonso Botelho, como a saudade, de que parece, na sua obra final, ser simultaneamente realização e redenção, nunca se esgota, statuindo-se como uma espécie de motor imóvel aristotélico, que tudo move, tudo atrai, tudo aspira, tudo unifica. É assim que nas páginas finais de *Teoria do Amor e da Morte*, usando uma terminologia escolástica, Afonso Botelho destaca três “transcendentais” (atributos que, na linguagem aristotélico-tomista, designam propriedades características ou conceitos universalmente pertinentes a todos os seres) do Amor: o “impossível”, o “infinito” e o “irracional” (Idem, *ibidem*, p. 172). Com base nestes três transcendentais constata-se ser a delimitação conceptual do Amor, envolvendo a saudade, impossível de descrever, elevando-se a um grau ontológico de força vital e “irracional”, no sentido em que escapa a toda a compreensão humana racional classificadora e esclarecedora, propulsora da saudade por incapacidade própria de se auto-esgotar e auto-consumar. Ou, se se quiser, princípio divino vital e universal, constitutivo e atravessador de todos os seres, movendo-os bruninamente e invisivelmente para uma gloriosa unidade “infinita” (o “homogéneo” de Sampaio Bruno), que, no entanto, apenas se realiza no tempo enquanto ontologicamente “impossível”, dando lugar, por reminiscência platónica, ao sentimento de saudade – lembrança da unidade absoluta perdida, desejo de, no tempo, a esta regressar. Assim, o Amor, sentimento “irracional” (no sentido de para além da razão), vencedor do tempo pela multiplicação biológica dos seres (os filhos) e vencedor da Morte pela assunção espiritual do sentimento divino de infinito, unidade do Todo numa só existência, parece ultrapassar e fundamentar, na configuração teórica do último Afonso Botelho, o próprio sentimento de saudade. Este estatuir-se-ia como expressão amorosa da busca, ontologicamente “impossível”, da primitiva e futura unidade do homem com Deus ou da definitiva reintegração dos seres no Ser. Expressão deste desejo amoroso, a saudade estatuir-se-ia, assim, como a mais alta e suprema realização do Amor, o amor do homem pelo Todo, postulando na sua realização a eternidade pós-morte, se assim se pode escrever. Porém, ainda, Amor, vencedor do tempo e da Morte, e saudade, vencedora da dissolução da memória corporal e social e prenunciadora



de um tempo ontológico de plena realização, isto é, a eternidade, corporizam-se circunstancialmente no mito português de Pedro e Inês.

2. A QUESTÃO DO TEATRO

2.1. A DÉCADA DE 60 E O TEATRO

O teatro e o pensamento de Afonso Botelho correspondem, nesta década, a uma autêntica viragem civilizacional do ser de Portugal. Com efeito, na década de 60 assistiu-se em Portugal a uma verdadeira revolução cultural, isto é, a totalidade das instituições sociais e culturais exteriores ao Estado manifestam-se aberta ou veladamente contra o governo e o regime do Estado Novo, ansiando por um país europeu, postulando novos hábitos comportamentais e manifestando o desejo social de adquirir um novo horizonte cultural:

- A população rural manifesta o seu descontentamento emigrando legal ou clandestinamente na ordem de quase 1 milhão de habitantes;
- Os crentes católicos manifestam o seu desagrado pelo Regime criando revistas (*O Tempo e o Modo*) e grupos de opositoristas (“Católicos Progressistas”);
- Os estudantes revoltam-se nas ruas em 1962 e 1969, protestando contra a organização liceal e universitária de elite, contra o analfabetismo dominante e uma política institucional de bloqueamento de oportunidades;
- A juventude revolta-se adoptando novas práticas comportamentais (mini-saia, calças à boca de sino, música rock, *twist*, cabelo comprido, pastilha elástica, uma visão do mundo pacifista...);
- As Colónias revoltam-se através dos movimentos de libertação anti-coloniais, exigindo o fim do Império e a independência dos seus territórios;
- A mulher entra maciçamente no mercado de trabalho (terciário) e exige independência, direitos iguais; a família inicia o seu processo de desagregação, o Pai perde a tradicional e tirânica autoridade patriarcal;
- Os escritores manifestam uma atitude de revolta premiando o livro de contos *Luuanda*, de Luandino Vieira, preso em Angola como “terrorista”; a PIDE assalta e destrói a sede da Sociedade Portuguesa de Escritores;
- Os economistas manifestam o seu descontentamento político pelo rumo económico do país criando a SEDES – Associação para o Desenvolvimento Económico e Social; greves estendem-se a todo o país;

